

TRABALHO E IDENTIDADE, SEGUNDO KARL MARX, NO SÉCULO XXI**DIEGO ARTHUR DALAVALLE- UNIUV³¹****ENEDINA PEREIRA - UNIUV³²**Professor Orientador: Wanilton Dudek³³**INTRODUÇÃO**

Segundo Karl Marx, trabalho é a interação ou transformação da natureza, em prol de um propósito. É por meio dessa transformação que o homem encontra seus valores. “O processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim, para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas [...]” (MARX, 1985a, p.153). Para que o trabalho ganhe sentido, ele precisa estar inteirado com um meio social, ele precisa encontrar um sentido para aquele produto final dentro da sociedade. E, assim, com o passar dos anos, o trabalho deixou de ser um objeto de sofrimento, para ser a identidade do homem dentro do meio em que vive.

Engels afirma que “o trabalho é mais do que o ato de transformar a matéria-prima em riqueza, é o fundamento da vida humana”. Assim, o homem que fabricava móveis ficou conhecido dentro do seu meio como marceneiro; aquele que construía casas de madeira como carpinteiro, aquele homem que vivia do trabalho da pesca, virou pescador. Criou sua identidade perante as atividades que realizava. Seu produto final deu a ele uma identidade positiva, pois valoriza mais o produto do que a mercadoria finalizada.

Depois da revolução industrial, essa maneira de pensar se diferenciou; as grandes empresas tomaram conta dos pequenos comerciantes, sapateiros, marceneiros, e aqueles que criaram uma identidade dentro da sua atividade começam a perder essas características e o modo de produção começa a diferenciar. Aquele homem que fazia uma mesa, do início até o seu acabamento, já não participa mais do processo todo, não realiza mais sua tarefa a ponto de sentir prazer em ver seu produto acabado, finalizado, chegando às mãos de seus clientes.

De forma positiva, essa identidade formada pelo trabalho dignifica o homem que a realiza, faz dele uma pessoa diferenciada em meio a sua sociedade, sem falar no prazer de começar e terminar uma obra só sua. De forma negativa, a identidade formada pelo trabalho pode ser prejudicial à saúde do trabalhador, pois ela, a partir do momento em que não existir mais aquela realização de tarefas por completo, quando diz-se que começa o modelo Taylorista de produção, em que cada homem/setor realiza uma tarefa em cima daquela produção, ele perde sua identidade inicial e precisa reconstruí-la novamente, buscando outros métodos para se recriar, nem todos conseguem, mas as grandes empresas não deixam espaços para ‘pequenos engenheiros’, e o mercado não suporta mais ter comerciantes apenas para satisfazer sua autoestima.

Transmitindo para os dias de hoje, queremos buscar entender o que faz as pessoas se manterem ligadas a uma mesma organização, durante muito tempo, pois, com passar dos anos, ela vai adquirindo a identidade da organização, da tarefa que realiza, quais os pontos negativos e positivos dessa ligação extensa.

31 Acadêmico do 4º semestre de Secretariado Executivo da UNIUV. E-mail: se.diego.dalavalle@uniuv.edu.br

32 Acadêmico do 4º semestre do Curso de Secretariado Executivo da UNIUV. E-mail: se.enedina.pereira@uniuv.edu.br

33 Professor da UNIUV. Mestre em História Social pela Universidade de Passo Fundo, possui pos-graduação em Sociologia Política em nível de especialização pela Universidade Federal do Paraná. Graduação em História pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras da cidade de União da Vitória. E-mail: prof.wanilton@uniuv.edu.br



OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Demonstrar, por meio de pesquisa, a realidade da formação de identidade por meio de dados coletados por pessoas de diferentes setores profissionais, ou seja, esses são apenas alguns dos diversos fatores que influenciam os padrões de comportamento de crianças e jovens, e contribuem para a construção de sua identidade. Portanto aprendemos e nos formamos nas conversas com os amigos, assistindo à televisão, lendo livros, folheando catálogos ou navegando na Internet, tanto quanto quando refletimos e quando fazemos projetos. Pouco importa se essa maneira de nos formarmos é trivial ou requintada: não podemos alterar o fato de que somos alunos no longo curso da vida.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Primeiro objetivo específico: O primeiro risco é falar, é começar análise a partir de uma teoria da desigualdade, de modo que se ocultem os processos de diferenciação que não derivam da distribuição desigual dos recursos em cada sociedade.
- b) Segundo objetivo específico: Outra tendência é legitimar unicamente aqueles enfoques surgidos de uma experiência particular.
- c) Terceiro objetivo específico: A terceira linha é que propõe explicações teóricas da diferença ou o que costuma ser equivalente - conceituações resultantes de uma experiência histórica que, ao não se deixarem desafiar pelas mudanças ou por aqueles que veem a alteridade a partir do lado oposto, correndo o risco de dogmatizar-se.

METODOLOGIA

A pesquisa será feita por meio de dados de coletas *in loco*, com pessoas voluntárias e com certo tempo de vínculo empregatício maior que cinco anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO (OU RESULTADOS ESPERADOS, SE A PESQUISA ESTIVER EM DESENVOLVIMENTO)

O resultado esperado é saber como que as pessoas, cada uma dentro do seu tempo, avaliam sua formação de identidade, relacionando com a empresa em que trabalham e convivem todo o seu dia, e até onde essa formação pode influenciar positiva ou negativamente na vida das pessoas.

REFERÊNCIAS

ENGELS, Friedrich. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. 2.ed. São Paulo: Global Editora, 1984.

ENRIQUEZ, Eugène. Perda do trabalho, perda da identidade. In. NABUCO, Maria Regina; CARVALHO NETO, Antônio Moreira de (Orgs.). **Relações de trabalho contemporâneas**. Belo Horizonte: Instituto de Relações do Trabalho - IRT/PUC-Minas, 1999.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985a. Livro 1, v.1, t.1. (Os economistas).